



## II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

---

### **Sim, representatividade importa: Uma análise sobre a relevância e os efeitos da foto coletiva dos negros da UFRGS<sup>1</sup>** **Yes, representativeness matters: an analysis on the relevance and effects of the collective photo of blacks from UFRGS**

Wagner Machado da Silva<sup>2</sup>

**Palavras-chave:** representatividade; foto coletiva; negro; UFRGS.

Através dos estudos de noções de imagem, socialidade e pós-modernidade apresentadas por Michel Maffesoli, o presente artigo tem por intuito refletir sobre importância da imagem na perspectiva da representatividade, empoderamento e estímulo a um novo paradigma dos negros da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Durand (2002) destaca que o imaginário constitui o conector obrigatório pelo qual forma-se qualquer representação humana. Tais fatos podem ser evidenciados na foto coletiva dessa etnia que reuniu cerca de 300 alunos, servidores e terceirizados em frente à reitoria da instituição pública de ensino superior em 20 de novembro de 2017, no dia da Consciência Negra. Com uma estratégia de comunicação direcionada, conforme a análise de conteúdo demonstra, após uma década do sistema de cotas, para

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais. PPGCC-Unisinos. São Leopoldo, RS – 8 a 12 de abril de 2018.

<sup>2</sup> Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUCRS, também é graduado em Jornalismo pela mesma instituição de ensino. Além disso, é acadêmico do curso de Letras na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Atuou em assessorias de imprensa (Secretaria Estadual da Fazenda, Secretaria da Comunicação Estadual, Secretaria Municipal de Educação e Câmara Municipal de Porto Alegre) e importantes veículos de comunicação do Estado, como Zero Hora, Correio do Povo, Rádio Guaíba, TV Record, UlbraTV, Estado de São Paulo, Gazeta Centro-Sul e jornal O Sul. É servidor da UFRGS, lotado no Núcleo de comunicação da Faculdade de Educação (Faced) e participa do Grupo de Estudos sobre Imaginário, Sociedade e Comunicação (Geisc/PUCRS), Grupo de Pesquisa Tecnologias do Imaginário (PUCRS) e do Laboratório de Estudos sobre Ruído, Acústica, Saúde, Educação Popular e Qualidade de Vida (Leraseq/UFRGS). wagner.machado@hotmail.com.br



## II Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

além de uma imagem emblemática que teve grande repercussão, o Novembro Negro na UFRGS mostrou a força de um grupo que por muitas vezes ficou à margem das oportunidades de ensino e longe dos espaços de poder.



**Figura 1: Matéria sobre a foto na ZH.**

A democracia racial se manifesta no imaginário brasileiro e tenta esconder ou anular os problemas socioeconômicos que enfrentam os afrodescendentes. Porém, ainda que muitos tentem não visualizar, racismo se manifesta na manutenção da superestrutura escravista, aonde os brancos continuam sendo os donos da “Casa Grande” e os negros continuam nas “Senzalas”. No livro *Raízes do Conservadorismo Brasileiro, A abolição na imprensa e no imaginário social* (2017), do professor e jornalista Juremir Machado da Silva, relembra que a riqueza do Brasil foi constituída pelo braço escravo. Na obra, ele reconta que os brancos serão devedores dos negros

<sup>3</sup> Disponível em: <https://goo.gl/bWRtCA>. Acesso em 26 de dezembro de 2017



## II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

---

trazidos da África como mercadorias, raptados e violentados. Além disso, a abolição da escravidão inaugurou simultaneamente o longo ciclo de marginalização do negro. Uma marginalização igual a qual acabara de expirar, onde o crime maior, seria o de ser negro.

No imaginário popular, há uma aceitação de que os negros podem ser excelentes músicos, dançarinos e atletas. Porém, as possibilidades, via de regra, ficam restritas a esse campo, pois historicamente, o acesso aos bens materiais foi dificultado ao máximo para este segmento da população, uma vez que a elite brasileira impediu que os negros tivessem ingresso nas instituições políticas, como os poderes legislativo, executivo e judiciário, as organizações educativas, como as escolas e universidades, aos meios de produção de capital, além dos direitos humanos fundamentais. Porém, como se pode perceber na imagem já citada, o jogo está virando e a realidade começa a se alterar. É justamente sobre esse novo panorama que esse artigo trata: a (re) construção do imaginário dos negros da UFRGS.

Até então, a UFRGS, assim como tantas outras universidades, não raro, era reduto da branquidade e percebida como o lugar da cultura superior do mundo ocidental. Ao que parece, a ausência de melanina, por anos, foi traduzida numa posição que assegurava vantagens na estrutura de oportunidades e poder em sociedades marcadas pela dominação racial. Nesse contexto, a instituição de ensino refletiu e ainda reflete uma visão eurocêntrica de mundo que percebe e trata o negro como inferior.

No Brasil, ainda que mais da metade da população seja formada por pretos e pardos (53,6%, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), as universidades, principalmente as públicas, foram espaços, quase sempre, exclusivamente branco.

---



## II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

---

Sodré (2000) afirma que o racismo adotado no Brasil seguiu o conceito o qual denomina “racismo universalista de tipo espiritualista no qual’ as raças evoluem e tornam-se superiores na razão direta do progresso civilizatório”. Para que fosse possível a evolução dessa raça, a imigração europeia como massa trabalhadora assalariada foi a solução para a econômica e também para o embranquecimento da população brasileira em prol do progresso.

### **1. O novembro negro na UFRGS**

Com o desejo de fortalecer a luta diária pela igualdade étnico-racial, grupos e unidades de ensino da UFRGS promoveram o Novembro Negro. O mês foi um período com atividades em vários campi para destacar os entraves, sonhos, cultura e os valores da população negra. Ocorreram exposições, encontro com representantes das religiões afro-brasileiras, matricialidade e espiritualidade, mulheres na literatura negra, e debates sobre racismo e saúde, educação para as relações étnicas raciais, feira afro cultural, desfile, aulas abertas, quilombolas, militância, de dança, literatura, artesanato, moda, curso de formação e mostra científica. A proposta de unificar as ações do Novembro Negro faz parte da iniciativa da direção da Faculdade de Educação (Faced) de promover meses temáticos para dar visibilidade às minorias e estimular o diálogo em torno de assuntos relevantes que nem sempre conseguem o merecido reconhecimento.

Mensalmente a Faculdade de Educação da UFRGS realiza atividades temáticas. Foi assim com o mês das mulheres (março), dos povos indígenas (abril), trabalhadores (maio), lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros e travestis (julho), cotistas (agosto), surdos e deficientes (setembro). Dessa vez, com cerca de 30 atividades

---



## II Seminário Internacional de Pesquisas em **Midiatização** e Processos Sociais

---

interdisciplinares o longo do mês, o Novembro Negro se constituiu em um momento de resistência e comemoração, já que nesse ano comemora-se uma década da implantação do sistema de cotas na UFRGS.

Com articulação em várias unidades da UFRGS, além de divulgação no Facebook e por e-mail, todos os alunos da universidade foram convidados para a foto, porém, o convite era destinado aos negros. Felizes com a oportunidade de se (re)conhecerem dentro da universidade, bem antes do horário marcado dezenas de integrantes da comunidade acadêmica já estavam no local indicado. Entre sorrisos, músicas e palavras de mobilização, todos os presentes viveram um momento marcante, impensável há menos de uma década, quando não havia o sistema de cotas. Dessa vez, juntos, celebraram o novo momento da educação brasileira, bem menos elitistas e mais plural. Sabe-se, porém, que a fotografia, como todas as imagens técnicas, não representam o mundo, mas conceitos relativos ao mundo e são, segundo o autor, resultado da imaginação, uma capacidade de fazer e decifrar imagens. Esse é, possivelmente, o encanto dessa foto, pois traz uma carga histórica enorme e repleta de significados propositivos.

Bem como ensina Edgar Morin (1983, p. 149) “a magia deixou de ser uma crença tomada ao pé da letra para se tornar um sentimento.” Ou seja, o ser humano, vive a magia das imagens, como se fossem reais. Assim, através do complexo de projeção-identificação, o indivíduo transfere e realiza seus anseios e sonhos no outro.

### **2. Os cotistas na UFRGS**

Para que se entenda a importância da primeira foto coletiva dos negros da UFRGS, é importante que se mensure o contexto. Segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), o Rio Grande do Sul é o estado brasileiro que apresenta a segunda mais alta percentagem de população branca, mais de 80%, atrás apenas de São Paulo. Esse percentual existe também por que o Estado acolheu imigrantes de várias procedências e por anos enalteceu o legado dos grupos imigrantes



## II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

---

de origem europeia em contraste com a pequena visibilidade social e simbólica da contribuição da população negra e indígena. Por isso, no que se refere à foto, vale destacar que o imaginário também não é a cultura, apesar de conter elementos culturais do organismo social ao qual está vinculado. O imaginário, conforme sustenta Maffesoli, se encontra na intermediação entre o simbólico e o sujeito.

*O carácter mágico das imagens é essencial para a compreensão das suas mensagens. As imagens são códigos que traduzem eventos em situações, processos em cenas. Não que as imagens eternalizem eventos; elas substituem eventos por cenas. E tal poder mágico, inerente à estruturação plana da imagem, domina a dialéctica interna da imagem, própria de todas as mediações e que nelas se manifesta de forma incomparável. (FLUSSER, 1998, p.28)*

No ano de 2006, foi criada a Comissão Especial de Ações Afirmativas, composta por representantes do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (Cepe) e do Conselho Universitário (Consun). Durante o processo de discussão sobre como o sistema de reserva de vagas ia ser adotado pela instituição, um dos temas mais polêmicos foi a dissociação das cotas raciais das sociais, ou seja, que as cotas raciais não estivessem atreladas às sociais. Devido à grande resistência, a proposta aprovada pelo Consun definiu as cotas raciais como parte das sociais resultando em que negros (pretos e pardos) só pudessem se candidatar a cotas raciais caso se enquadrassem nas condições das cotas sociais, ou seja, tivessem estudado em escolas públicas. Além disso, apresentou redução nos percentuais de reserva de vagas, de 40% para 30% e no tempo de duração do programa de 10 para 5 anos.

Conforme a Coordenadoria de Ações Afirmativas, nesses dez anos de cotas, já ingressaram: 5.501 alunos, há 3540 matriculados e 500 já colaram grau. Em um paralelo com a foto, a imagem escancara, pelo menos entre os que puderam ir, o perfil do negro na universidade. São pessoas que são minorias em seus cursos, mas que se sentiram fortes ao se encontrar entre os seus. A partir desse encontro, puderam se fortalecer e se reconhecer. Flusser (1998) considera que as imagens não são apenas



## II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

---

mediações entre o homem e o mundo. Por isso, ao filtrar a relação do homem com o mundo essas imagens passam a ser a própria realidade. Como o homem não sabe interpretá-las, passa a viver o imaginário construído por essas imagens.

### 3. Considerações finais

Se possível fosse, o imaginário poderia ser descrito como a faculdade de simbolização donde provêm todos os medos, anseios e percepções culturais do homem. Nessa perspectiva, em uma análise da referida foto, todos estamos sujeitos a um imaginário pré-existente, sempre compreendido como algo mais amplo do que apenas um conjunto de imagens. Tal afirmação encontra refúgio quando se faz um deslizamento reflexivo e se analisa a questão racial no Brasil que sempre foi emblemática, pois há o mito de uma democracia racial coexistindo com o racismo.

A partir desse breve artigo foi possível perceber o avanço que as cotas possibilitaram e o quanto essa imagem coletiva representa, uma vez que o primeiro registro de uma década e foi uma oportunidade de dar voz e rosto para quem quase sempre foi renegado. À medida que se consegue elementos para corrigir desigualdades e desconstruir ideias erradas mais se avança para um futuro promissor e justo. Enquanto não estivermos em um cenário ideal, é preciso o embate de ideias e o desejo coletivo por mudança.

Para Michel Maffesoli (1995) o principal papel da imagem na pós-modernidade é a “religação” que produz. Esse partilhar comum, muitas vezes não-lógico, em torno de uma imagem, gera vínculos e permite o reconhecimento de si a partir do conhecimento do outro. O autor argumenta que a imagem reforça o laço social e emocional, agregando em torno de si a comunidade. É uma espécie de retorno ao tempo dos pequenos grupos unidos em torno de suas imagens sagradas. Do visível, do imanente, surge o transcendente como um “reencantamento do mundo”.

Michel ainda afirma o caráter mágico das imagens, identificando-o como um vetor de comunhão e não alienação. Para ele a imagem atua primordialmente mais



## II Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

---

desenvolvendo o sentir coletivo do que transmitindo uma mensagem. Maffesoli entente de que ela não diz o que deveria ser, mas o que é ou poderia ser, favorecendo assim o lado ficcional.

### **Referências bibliográficas**

DURAND, Gilbert. **As Estruturas Antropológicas do Imaginário**: introdução à arqueologia geral. São Paulo: Martins Fontes, 2002

FLUSSER, Vilém. **Ensaio sobre a fotografia**: para uma filosofia da técnica. Lisboa: Relógio D'Água, 1998

MUNANGA, Kabengele. **Negritude usos e sentidos**. São Paulo: Ática, 1988.

MAFFESOLI, Michel. O Imaginário é uma Realidade (entrevista). **Revista Famecos**: mídia, cultura e tecnologia, Porto Alegre, v, 1, n. 15, p. 74-82, ago. 2001.

MAFFESOLI, Michel. **A contemplação do mundo**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.

BARTHES, Roland. **A Câmara Clara**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

SODRÉ, Muniz. **Mídia & Racismo**: um pé fora da cozinha.

\_\_\_\_\_. **Claros e escuros**: identidade povo e mídia no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1999

SILVA, Juremir Machado. **Raízes do conservadorismo brasileiro, a abolição na imprensa e no imaginário social**. Porto Alegre: Civilização Brasileira, 2017.